BOLETIM DIDÁCTICO E INFORMATIVO IV VOLUME

PROPRIEDADE E DISTRIBUIÇÃO
TUPOMI
TEMPLO DE UMBANDA
PAI OXALÁ E MAMÃE IANSÃ

NÓS UMBANDISTAS

Por que nós umbandistas insistimos em ficar discutindo quais são os Orixás que devem ser cultuados na Umbanda e nos esquecemos que, independentemente dos nomes, Eles são um complexo vibracional e energético representados pelas Forças da Natureza?
Por que, nós umbandistas, que cultuamos as Forças da Natureza, como manifestação Divina de Sua Infinita Sabedoria e Misericórdia, somos os primeiros a sujá-las com despachos e oferendas e quase nunca limpando o que sujamos?
Porque nós umbandistas, corremos de terreiro em terreiro somente para criticar este ou aquele dirigente, nos esquecendo que mesmo sendo diferentes de nossa maneira de pensar, estão praticando Caridade?
Por que nós umbandistas, não nos preocupamos mais com os falsos "Pais no Santo"? Por que nos limitamos em dizer que está errado cobrar trabalhos ou consultas, assediar sexualmente, obter benefícios materiais com a prática da religião e não tomamos uma atitude mais enérgica?
Por que, nós umbandistas, não buscamos nos instruirmos mais para podermos esclarecer mais?
Porque, nós umbandistas, ao invés de nos orgulharmos das entidades que trabalhamos, e vivermos dizendo que foi "meu caboclo que resolveu", não buscamos ser motivo de orgulho para elas vivenciando as suas mensagens?
Por que, nós umbandistas, afirmamos que respeitamos todas as religiões, quando não conseguimos respeitar ou compreender, uma pequena discrepância litúrgica, natural de se encontrar de terreiro para terreiro?
Por que nós umbandistas, quando questionados sobre qual religião seguimos, dizemos quando muito, que somos espíritas, quando não o somos?
Precisamos parar de mentir para nós mesmos e de desrespeitar os ensinamentos valorosos da Umbanda! Precisamos parar de sermos omissos. Precisamos deixar de ter "vergonha" de dizer que SOMOS UMBANDISTAS! Precisamos compreender melhor a Umbanda e a nossa missão e objetivos dentro Dela!
Porque ser umbandista não é só colocar a roupa branca e ir para o terreiro. É ter a mente e o coração limpos de interesses escusos. É ser humilde e caridoso!
É carregar a bandeira da Umbanda com Amor e Fé!
Precisamos aprender a SER UMBANDISTAS DE VERDADE!
Porque ser Umbandista é SER EXEMPLO DE MORAL E VIRTUDE!

Ritual Kura

25 de Março

Fechamento de corpo

23 de Abril

Dia de São Jorgue

Patacori Ogum iê

Artigos Didáticos e
de Opinião.

Partilhando Aprendemos e
Ensinamos!

Evolução Mediúnica

Templo de Umbanda Pai Oxalá e Mamãe Iansã
Rua João Maia, 394, 4475-643 Santa Maria de Avioso – Maia
Contactos: 916 813 819
E-mail: geral@tupomi.pt

IEMANJÁ

Continuação...

Princesa D'Aiucá, Dandalunda, Dona Janaína, Maria, Inaê, Mãe D'agua, Sereia

Iemanjá é hoje, um dos orixás mais cultuados não só no Brasil, mas em vários Países da América Latina, Cuba e Uruguai.
No Brasil, em Salvador da Bahia, todos os anos se festeja o dia 02 de Fevereiro, dia de Iemanjá. É a maior festa do País e homenageia a Raínha do Mar. Milhares de pessoas, totalmente vestidas de branco, dirigem-se ao templo principal criado em honra de Iemanjá, no bairro do Rio Vermelho. Todos levam e lá depositam, presentes para a Raínha do mar; perfumes, pentes, espelhos, flores, comidas e todo o tipo de agrados para Iemanjá.

No dia 02 de Fevereiro de 2008, o Carnaval, coincidiu com a celebração da Festa de Iemanjá, então, para que ambas as festas pudessem acontecer ao mesmo tempo, foram desviados da zona da praia, os trios eléctrico para não interferir com os festejos de Iemanjá. Para além desta data, festeja-se também a passagem do ano, dia 31 de Dezembro. Milhares de pessoas saem em direcção á praia, vestidos de branco, levando presentes e flores para Iemanjá, saltam 7 ondas e em cada uma pedem um desejo e sorte para o ano que vai entrar. Devido ao sincretismo religioso, Iemanjá, festeja-se em datas de santas católicas. No Rio Grande do Sul, festeja-se a Nossa Senhora dos Navegantes, a Imagem que sai em procissão é Iemanjá.

Também na Bahia, dia 08 de Dezembro, celebra-se a festa da Nossa Senhora da Conceição da Praia, a imagem que sai em celebração é a Imagem de Iemanjá. Na mesma data na Bahia, em Monte Serrat, são oferecidos presentes pelos pescadores em honra da Raínha do Mar ou Janaína. Em Paraíba, João Pessoa, dia 08 de Dezembro é feriado Municipal em honra de Nossa Senhora da Conceição, dia de homenagem a Iemanjá. Na praia de Tambaú, monta-se um palco redondo, enfeitado com bandeiras brancas e azuis, em torno do qual se juntam os fiéis, vindos de várias partes do País, para ver a festa em honra dos Orixás, especialmente Iemanjá. Por toda a praia, vêm-se buracos com velas lá dentro, acesas, bem como flores e presentes para Iemanjá. Em Porto Alegre, festeja-se a 02 de Fevereiro, Nossa Senhora dos Navegantes, no sincretismo Afro-Brasileiro, Iemanjá.

Angola - Em Angola é cultuada a divindade Kianda, equivalente a Iemanjá, protectora dos pescadores e Raínha das Águas. Faz-se todos os anos a Festa da Kianda, em Luanda em todos os bairros situados nas zonas de praia, na província de Bengo na lagoa do Ibendoa.

Uruguai - Em Montevideo, os fiéis reúnem-se na praia de Ramirez, no bairro Parque Rodó, no dia 02 de fevereiro para celebrar o Dia de Iemanjá. Centenas de milhares de pessoas sentam-se à espera do pôr-do-sol, para lançarem pequenos barcos com oferendas para o oceano. Em 2015, o governo Uruguaio estimou que 100.000 pessoas, foram à praia para as celebrações.

Cuba - Em Cuba, Yemayá também tem as cores azul e branca, é uma rainha do mar negra, assume o nome cristão de **La Virgen de Regla** e faz parte da santaría como santa padroeira dos portos de Havana. Lydia Cabrera, refere que Iemanjá terá também sete nomes, no entanto apenas uma Iemanjá existe, à qual se chega por sete caminhos. O Seu nome indica o lugar onde ela se encontra. Na Santeria, Yemayá é a mãe de todos os seres vivos, bem como a Senhora e Raínha dos oceanos e mares.

Iemanjá tem diversos nomes, a variação resulta do lugar do rio ou do mar, onde vive.

" Quanto nome tem a Rainha do Mar, Dandalunda, Janaína, Marabô, Princesa D'aiocá, Inaê, Sereia, Moco, Ana Maria, D. Iemanjá.
Quem é que já viu a Raínha do Mar, pescador e marinheiro, quem escuta a sereia a cantar.
Como se saúda a Rainha do Mar, Alodê, Adolfiaba, Minha Mãe, Mãe D'agua, Odoya. " (Maria Bethânia)

Janaína, é um nome dado a Iemanjá, pelos negros, no tempo da escravidão, por não lhes ser permitido cultuar Deuses, divergentes da religião católica. Por surpreendente que pareça, a origem do nome pode ser mesmo portuguesa, uma modificação ou diminutivo do português "jana", que dá nome, á Ribeira de Janas, que é um distrito de Lisboa e a Janas, vilarejo próximo de Sintra. Mas o que é uma jana? Em Portugal e na região espanhola de Leon, janas são uma espécie de fadas dos rios, semelhantes a sereias, que como as suas similares e variantes em muitas outras tradições, tanto podem cativar os homens pela sua beleza e lhes causar a perdição, como se deixar seduzir e terem um triste fim. No passado, a palavra também foi usada como sinónimo de bruxa e de fada.
Algumas lendas também contam que Janaína era uma bela cabocla que teria nascido na tribo dos Goitacás, na região sul do actual estado do Espiríto Santo.

"Iemanjá, rainha do mar, é também conhecida por dona Janaína, Inaê, Princesa de Aiocá e Maria, no paralelismo com a religião católica.
Aiocá é o reino das terras misteriosas da felicidade e da liberdade, imagem das terras natais da África, saudades dos dias livres na floresta".
(Jorge Amado)

Luísa Carvalho

A Vida nos coloca à prova desde que nascemos para sabermos a nossa força e fé.

O dia de nosso nascimento, a primeira prova, será que queremos sair do ventre da nossa mãe, onde estamos protegidos da "maldade" deste mundo, não nos falta nada, estamos quentes, temos amor e carinho?!

Decidimos nascer, enfrentar o mundo que se encontra á nossa frente e damos um grito dizendo:" Estou aqui, vamos em frente".
Depois começa a nossa aventura neste novo mundo, aprendemos a conhecer as pessoas, mas temos de chorar para pedir o que queremos, cair para levantar e lá vamos nós.

A escola, grande problema, tanta gente e um adulto a mandar em nós, não nos agrada, pois até agora de uma forma ou de outra eramos só nós, tínhamos a atenção toda. Temos de aprender a mostrar a nossa posição, senão os outros mandam em nós.
Será que temos força e fé, para seguir em frente? A partir daqui vai ser uma batalha constante, temos de mostrar que somos os melhores, não nos deixarmos levar por tentações. Choramos, rimos, brincamos, aprendemos a ser pessoas melhores.

Somos postos à prova muitas vezes, iremos cair, levantar, chorar, rir, gritar, pensar em desistir, mas depois, olhamos para trás e vemos o que conquistamos e dizemos vamos em frente.
Lá vamos nós, mais escolhas, mais decisões. E agora trabalho, não é fácil encontrar o que queremos fazer, mas vamos lá, mais uma prova.

Caminho, pedras, portas a fechar, mas nós persistimos, para a frente, vamos conseguir. Não é fácil; muitos obstáculos, muita dor, muito querer e não ter, em frente.

Mas as dúvidas surgem, porque eu? não consigo ter nada, só cansaço, vou à procura e não acho nada. Surge o desânimo, vou desistir, que ando aqui a fazer? que mal fiz eu? porquê isto para mim? mas eu acreditava, tinha fé, lutei tanto. Então choramos, choramos e quando paramos ou deixamos de chorar, ouvimos uma voz a dizer:-" Estive sempre do teu lado, peguei em ti ao colo, lutei contigo, aconcheguei-te à noite e agora que quis ver a tua força, desistes. Vamos levantar, erguer a cabeça e vencer as batalhas. A fé começa por ti, em acreditares em ti, no que vales, que és o melhor e que a vida tem altos e baixos e é nos baixos que nós vemos o quanto somos capazes de subir. Força e fé caminham juntas, mas o Querer também tem a sua importância. Por isso Querer, Força e Fé são os nossos auxiliares na vida.

E quando formos velhinhos vamos olhar para os lados e contar as nossas histórias, sempre dizendo sou feliz, pois consegui passar as provas que me foram dadas e com elas aprendi que o caminho é aquele que escolhemos e quisermos, desde que tenhamos querer, força e fé.
Como diz o livro- "Só voa quem se atreve a fazê-lo".

Maria João Santos

AS LINHAS DE UMBANDA – DO ESOTERISMO AO OMOLOKÔ PARTE III

2.3) A Cultura Africana

Falar de religião afro-brasileira implica conhecer a cultura dos povos africanos e as tentativas de sobrevivência dessa mesma cultura no solo brasileiro. Portanto a África não é o personagem central do tema, mas o local de origem das populações que vão interagir com os elementos do Novo Mundo.

Quanto à origem das populações escravas existiram dois grandes conjuntos de grupos se fizeram representar no tráfico negreiro: bantos e sudaneses.

Bantos: oriundas do antigo reino do Congo, hoje englobam as regiões localizadas no actual Congo, Angola, Gabão, Moçambique e Zaire. Desse grupo étnico, calcula-se que tenham vindo o maior número de escravos. Portanto não é de estranhar a presença determinante da cultura banto na cultura ocidental, seja no aspecto religioso (macumba, vodu), musical (samba, mambo, rumba) ou mesmo estético (cubismo, art naif, carnaval). Observam-se os empréstimos da religiosidade banto na Umbanda na presença de elementos da performance ritual (música, dança e transe), em elementos pictográficos (pontos riscados, simbolismo das cores), nos elementos ritualísticos (pemba, plantas, pedras).

A contribuição da tradição banto destaca-se também por meio de elementos filosóficos como o culto aos mortos, o culto à natureza e o dogma da reencarnação.
Sudaneses: englobam grupos originários da África Ocidental e que viviam em territórios hoje conhecidos por Nigéria, Benin (ex-Daomé) e Togo. São, entre outros, os iorubás ou nagôs (subdividido em keto, ijexá, egebá,etc), os gegê (ewe ou fon) e os fantiaxantis. Entre os sudaneses também vieram algumas nações islamizadas como os haussás, tapas, peuls,fulas e mandingas.

Pierre Vergé fala de como os negros vendidos eram muitas vezes aprisionados por tribos inimigas ou pertenciam a facções rivais dentro da própria tribo; como o caso de uma rainha daomeana, Agontimé-mulher do rei Agonglo que foi derrotado pelo seu rival, Adandozan-, que foi vendida como escrava e veio parar em São Luiz do Maranhão em finais do século XVIII. E nessa cidade, no terreiro Casa das Minas, ainda existente, teria difundido o culto aos deuses (voduns) da família real.

A Igreja, vinculada a interesses diversos que se reflectiam na política ambígua de catequese dos negros, ora tentava disciplinar a vida religiosa desses grupos, ora fazia vista grossa as danças, cânticos e rezas realizadas aos domingos e feriados santificados, nos terreiros das fazendas, em frente às senzalas.

2.4) O Kardecismo Francês

A filosofia kardecista é, depois do catolicismo, a tradição de origem europeia mais importante na formação da religião umbandista, interferindo tanto no estilo de textos e discursos quanto ao discurso doutrinário.

Os livros de Kardec são as referências literárias mais citadas quando se trata de explicar as origens de ideias fundamentais como a reencarnação, a lei do "carma"e a evolução espiritual adquirida através da prática do amor ao próximo. A vida transcorre num universo temporal e causal, em que cada um recebe de volta hoje os resultados das próprias acções passadas, o que cria um contexto em que o egoísmo é a fonte de todos os males e a caridade a fonte de todas as bênções.
No Brasil, o kardecismo foi introduzido na Bahia, por volta de 1860, e teve de adaptar-se a um contexto multicultural em que predominavam o catolicismo e a oralidade dos cultos africanos e ameríndios.

No kardecismo, as sessões de passes, doutrinação e desobsessão não são consideradas rituais. Todavia, vários tipos de passes e descarregos dos rituais de Umbanda demonstram claras influências kardecistas. As semelhanças entre sessão kardecista e de Umbanda de Mesa são tantas que podem confundir um fiel desatento. Contudo, a maior diferença do culto Umbandista é a maior disponibilidade para aceitar a todos, vivos e mortos, do jeito que são. Nele existe espaço para a incorporação e a convivência das mais diversas heranças étnicas e culturais.

Nas sessões kardecistas muitas vezes encontravam-se desde desencarnados de mais prestigio, à presença de espíritos de velhos escravos e indígenas – inicialmente identificáveis como os demais, pela lembrança das vidas passadas, mas que aos poucos vão perdendo os traços individualizadores e constituindo as categorias genéricas dos pretos-velhos e caboclos. Para os kardecistas a isto se chamava "baixo-espiritismo", e era mais parecido com a estrutura do culto banto dos antepassados e integrava-se mais na "macumba" do que na versões erudita do espiritismo francês. Foi esta postura que levou alguns espíritas , insatisfeitos com a excessiva intelectualização do kardecismo, a voltarem-se para as manifestações populares do "baixo-espiritismo"e da "macumba".

A continuar…

Trabalho realizado no âmbito da
Escola de Curimba Caboclo Tupinambá

A CRENÇA, O 'EU', E O 'NÓS'

construção da nossa identidade, os primeiros outlines que constituem a base da nossa personalidade.
Como alguém que está a passar por essa experiência, gostava de partilhar algumas das noções que , para mim, se agregam de forma a conjugar aquilo que identificamos como 'nós próprios'.
Por muito que possa existir debate à volta do assunto, defendo que as nossas crenças inferem muito na nossa identidade. Afinal, aquilo que somos é aquilo que fazemos, as nossas acções são a nossa janela para o mundo. Quem pode negar que as nossas crenças são, de longe, dos factores que mais modificam as nossas acções? E por crenças, não me refiro apenas a religiões; mas também as superstições e as nossas crenças pessoais e internas.
As crenças inferem muito no campo das virtudes, da ética. Elas, aglomerando-se á nossa educação e temperamento, permitem-nos adquirir o nosso sentido do certo e errado, da maneira como interpretamos a moralidade do que nos rodeia. Como exemplo, posso citar a escravatura. Na altura da sua existência, a crença em vigor era que o negro era um ser inferior e portanto passível de ser escravizado e tratado como propriedade. Agora, tal ato é visto como abominável. Um exemplo simples, de como as nossas crenças afectam o nosso sentido do certo e errado.
Por esta altura já se devem ter apercebido, que estou a transformar este texto, numa divagação do papel das crenças, na construção da identidade e têm razão. É sempre mais fácil falar de nós mesmos e para mim a crença foi um factor determinante neste longo processo de auto reconhecimento.
Para citar um caso mais concreto, a casa que frequento, o TUPOMI, está comigo quase desde que me lembro. Toda a ideologia que me foi sendo transmitida, toda a fé, dedicação, trabalho, não são coisas que passem despercebidas em qualquer criança, independentemente da escala deste efeito. Foi tudo isto, lentamente imbuído em cada fibra do meu ser, até se tornar parte integrante e indissociável daquilo que sou. Vejo com olhos diferentes, muitas situações da minha vida quotidiana para o qual estaria vendado de outra forma.
Posso dizer, de modo inequívoco, que as minhas crenças ajudaram a definir o meu ser, a tornar-me na pessoa que sou hoje.
Deram-me um compasso moral através do qual, posso pesar as minhas acções e dos outros. Ajudaram-me a aprender, pela maneira mais difícil às vezes, a respeitar as crenças dos outros, de modo a poder exigir respeito pelas minhas.
Eu amo pessoas, pessoas completam-me; apenas me sinto humano quando rodeado de pessoas. E estar rodeado de variedade, partilhar dessa variedade, observar todas estas crenças diferentes, todas as diferenças que disso se originam, quer nas personalidades, quer nos costumes… Às vezes pergunto-me, porque tememos tanto o que é diferente, se é com essa diferença que nos enriquecemos e completamos.
Quase tanto, que com as minhas crenças, aprendi com as crenças dos outros. Apenas Deus, é dono de toda a verdade e ele toca-nos de muitas maneiras diferentes. Apenas ao falarmos com aqueles que diferem de nós e tentar compreendê-los, poderemos reconhecer essa chama, esse farol que é Ele e que se esconde em todos, em todo o lado. Aprender com o outro e dar a conhecer de nós. E é nessa partilha que está a base de tudo aquilo que pretendemos alcançar, do que a humanidade pretende alcançar… mas não é fácil por vezes, aceitarmos o outro e as diferenças que nos marcam. Ás vezes, ficamos cegos por aquilo que nos afasta uns dos outros. Mas Deus é união. Deus é amor e o amor está nas pequenas coisas. Cometemos sempre o mesmo erro: não olhamos para os detalhes, os pormenores, para aquilo que nos une…para aquilo que faz de nós humanos. E assim afastamo-nos, tanto da nossa evolução como dos desígnios do Pai Maior.
Posso parecer revoltado no meu discurso, mas não o sinto. De facto, sinto imensa satisfação e contentamento, ao recordar a alegria que sinto na intimidade das amizades que estabeleço. Apenas desejo alertar para a necessidade cada vez maior de amarmos, de coração, aqueles que nos rodeiam. De nos apercebermos deles. Todos eles têm algo para nos oferecer, nem que seja uma nova perspectiva. Nós crescemos tanto com os outros, sem nos apercebermos… Nunca parámos de crescer.
Com isto, deixo esta mensagem: é necessário começar a lembrar-nos das pessoas que nos rodeiam, a dar-lhes atenção. Não precisamos de muito para abordar os outros, a nossa personalidade basta. No dia em que não bastar, é porque algo está de errado. E a atenção de cada um basta; vivemos num mundo onde estamos cada vez mais rodeados de pessoas e cada vez mais sozinhos. Sentirmo-nos reconhecidos, nem que por instantes, pode fazer alguém ganhar o dia.
Para terminar e voltando ao tema anterior, reafirmo a crença como o motor da nossa construção individual. Mas, quando falo em crença, não falo apenas da crença individual, mas também da colectiva; daquilo que chamo " crença em sociedade". Da crença que surge, da interacção do conjunto das crenças de cada indivíduo, que coexiste com a individual e fornece uma plataforma, através da qual podemos aceitar e tolerar as crenças individuais de outros, sem estas interferirem na nossa própria crença pessoal. No meu caso, ela manifesta-se na ideia que, a doutrina do amor manifesta-se de infinitas formas diferentes em cada um, em cada crença, tornando-as todas válidas sem chocarem com a minha. E assim podemos fazer crescer as nossas raízes e absorver o que nos rodeia e toda a terra está ao nosso alcance.

Agradeço aos meus guias pela inspiração e apoio que me dão,
E por nunca me deixarem sozinho.

Tiago Machado

As colheres de cabo comprido

"Conta uma lenda que Deus convidou um homem para conhecer o céu e o inferno.

Foram primeiro ao inferno.

Ao abrirem uma porta, o homem viu uma sala em cujo centro havia um caldeirão de substanciosa sopa e à sua volta estavam sentadas pessoas famintas e desesperadas. Cada uma delas segurava uma colher, porém de cabo muito comprido, que lhes possibilitava alcançar o caldeirão mas não permitia que colocassem a sopa na própria boca. O sofrimento era grande.

Em seguida, deus levou o homem para conhecer o céu.

Entraram em uma sala idêntica à primeira: havia o mesmo caldeirão, as pessoas em volta e as colheres de cabo comprido. A diferença é que todos estavam saciados. Não havia fome, nem sofrimento. "Eu não compreendo", disse o homem a Deus, "por que aqui as pessoas estão felizes enquanto na outra sala morrem de aflição, se é tudo igual?" Deus sorriu e respondeu: "Você não percebeu? É porque aqui eles aprenderam a dar comidas uns aos outros." "

Do livro: Histórias da Tradição Sufi - Editora Dervish

Moral da lenda
Temos três situações que merecem profunda reflexão:

Egoísmo:
As pessoas no "inferno" estavam altamente preocupadas com a sua própria fome, impedindo que se pensasse em alternativas para equacionar a situação;

Criatividade:
Como todos estavam querendo se safar da situação caótica que se encontravam, não tiveram a iniciativa de buscar alternativas que pudessem resolver o problema;

Equipa:
Se tivesse havido o espírito solidário e ajuda mútua, a situação teria sido rapidamente resolvida.

Conclusão:
Dificilmente o individualismo consegue transpor barreiras. O espírito de equipe é essencial para o alcance do sucesso. Uma equipe participativa, homogênea, coesa, vale mais do que um batalhão de pessoas com posicionamentos isolados. Isso vale para qualquer área de sua vida, especialmente a profissional.

SEU ORIXÁ TE TROUXE AQUI PRA TE DIZER

"Tu pensas que não te escuto, mas sou eu que te sondo te guardo e te cuido!

Eu estou aqui e todas as suas lágrimas eu recolhi para mim...

Pois elas foram essenciais para eu te entregar essa bênção que tu pedistes...

Filho nunca te disse que seria fácil esta caminhada,
mas ,que a vitoria na sua vida seria certa.

Pois...
no comando eu...

Quem me impedirá?
Seus sonhos e projetos fui quem assinei em baixo!

Filho, veja bem tudo é no meu tempo não se precipites, sabes porque?
Tudo o que faço é perfeito!
E não há nada que possa te derrubar porque...

O gigante que tu enfrenta, hoje mesmo tombou no chão...
sabe porque?
Porque eu nunca te abandonarei...
Nunca te rejeitarei...
Porque te escolhi para fazer a diferença, pois no meio da grande multidão...
você me tocou!"

ACONTECEU POR CÁ

A VOZ DA LÍDER

EU NA UMBANDA

Em 1988, mais propriamente em Dezembro desse ano, emigrei para o Brasil com a minha família, meu marido Artur, e meu filho Diogo. Foram tempos muito difíceis e de grande sacrifício, mas foi nesta dor que encontrei o meu Babalorixá Pai António Cassiano da Silva, conhecido como o "Seu António" no bairro do seu terreiro. Assim, iniciei a minha caminhada espiritual com grande dedicação não só ao meu Pai, mas ao meu terreiro e aos meus Orixás e entidades, os meus grandes mentores.

Até a este momento, apesar de desde criança ter tido uma educação de índole fortemente católica apostólica romana, era completamente céptica quando a religiosidade, tendo sido na casa de meu Pai que voltei a encontrar a fé e o acreditar em algo mais forte do que nós. Em menos de um ano dentro da casa de meu Pai, após um período de aprendizagem, dado que eu era completamente leiga nos fundamentos do Axé, devido a minha própria educação, fiz o meu primeiro buri em 1989. Com a passar dos anos muito me foi passado pelos meus mentores espirituais, até que em 1996 fiz a minha obrigação de 7 anos de santo para Oxaguiãn e Iansã. O ano de 1999 representou um grande ponto de viragem na minha vida quando no dia 15 de Agosto desse ano regresso ao meu país de origem e para minha cidade.

Não tardou a que as minhas entidades se começassem a manifestar, como o caso do meu grande mentor o baiano Celestino, a minha querida Vovó Isaura. E assim, comecei a visitar o Templo Guaracy no Linhó, em Sintra. Uma vez por mês eu, o meu marido e o meu filho íamos para Sintra e voltávamos no mesmo dia para participar no ritual realizado nessa casa, onde tive a oportunidade de conhecer Pai Buby em uma camarinha realizada por este terreiro.

Mas por ordem do meu grande mentor, um verdadeiro membro da minha família o baiano Celestino, tive de iniciar a minha caminhada e começar a criar o meu próprio espaço, assim é a géneses do TUPOMI - Templo de Umbanda Pai Oxalá e Mamãe Iansã. Das giras e encontros na minha própria casa, passamos para um pequeno espaço de 50 m2 onde nasceu o TUPOMI e esta até hoje, mas com um espaço bastante mais amplo de 800 m2. Desta forma, em Setembro de 2002 nasceu o TUPOMI.

Em 2004, realizei mais uma obrigação, já na minha casa com a presença do meu Pai de Santo onde fizemos todos os assentamentos e de minha casa e recebi ordem de Deká. A partir daí comecei a trabalhar e a desenvolver o meu terreiro e a minha corrente mediúnica que hoje conta com mais de 60 pessoas.